

**REVISTA DA**

**ADUFAL**

Agosto de 2023



**PUBLICAÇÃO ESPECIAL  
PARA A 10ª BIENAL  
INTERNACIONAL DO  
LIVRO DE ALAGOAS**

**pág.08**

VALE A PENA CONFERIR!  
Um tabuleiro inteiro de possibilidades na Bienal

**pág.13**

HOMENAGEM  
Três intelectuais da literatura alagoana

# Apresentação

A Bienal Internacional do livro é um espaço de reafirmação, divulgação e celebração da cultura brasileira, de fomento à leitura, às tradições orais e acadêmicas, de fortalecimento das tradições históricas e, principalmente, da literatura nacional, em seus diversos tipos de manifestação e modalidades de expressão. A leitura possibilita o conhecimento do mundo, das formas de sociabilidade, dos elementos centrais característicos da formação regional, das formas de elaboração do pensamento amplo e do universo científico, assim como dos traços específicos do cotidiano popular, que tratam desde os conceitos filosóficos mais refinados às diferentes concretizações dos tipos de pertencimentos próprios a cada coletivo social, valorizando também as características singulares a cada realidade existente.

Nesta revista, a Associação dos Docentes da Universidade Federal de Alagoas (Adufal) apresenta um conjunto de matérias pertinentes aos grandes temas abordados por esta Bienal, trazendo as etapas comerciais sobre como os livros são elaborados até serem apresentados ao público, homenageando grandes intelectuais do cenário alagoano, destacando a importância da valorização dos povos originários e até mesmo sugerindo atividades culturais e obras produzidas pelos pesquisadores da Universidade que estarão à disposição do grande público que está visitando o evento.

A revista também apresenta uma síntese da história do movimento sindical, acentuando a necessidade da existência dessas entidades para o conjunto da classe trabalhadora e, particularmente, para a categoria docente como instrumento fundamental de luta contra a exploração do trabalho pelo capital, sempre a partir de um contexto de articulação e mobilização com as demais entidades do movimento social. Ao longo da sua existência, a Adufal, representante sindical dos docentes do ensino superior da Ufal, sempre pautou sua trajetória na defesa dos direitos de seus associados, organizando a base de sindicalizados na perspectiva da concreta valorização profissional, pleiteando uma remuneração digna, condições efetivas de trabalho, alocação de recursos suficientes para a pesquisa e as necessárias ações de extensão. Nesta trajetória, vem prestigiando o trabalho dos docentes no que diz respeito à produção literária e acadêmica de maneira geral, no qual a publicação desta revista busca enfatizar junto à comunidade acadêmica e ao público em geral.

Com esta publicação, a Adufal pretende apoiar o trabalho dos escritores, das editoras, da Universidade, dos seus profissionais e divulgar e valorizar este evento que representa o fortalecimento do livro, da cultura e da produção e circulação do conhecimento, das manifestações lúdicas e culturais produzidas coletivamente.

Boa leitura!!!





# ÍNDICE

pág. 04

Da escrita às prateleiras: você sabe como é feito um livro?

pág. 06

Artigos

pág. 07

Dicas de leitura

pág. 08

Programação da Bienal: um tabuleiro de possibilidades

pág. 10

Instrumento de luta: entidades sindicais têm papel fundamental na defesa da educação

pág. 13

Homenagem  
Três intelectuais da literatura alagoana

## Da escrita às prateleiras: você sabe como é feito um livro?

“Me sentia extremamente motivada. Era um misto de sentimentos”. É assim que a professora e diretora de Política Cultural da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Alagoas (Adufal), Marta Moura, recorda o seu processo para a escrita de seus livros.

Doutora em Pedagogia do Desporto e docente aposentada pelo Instituto de Educação Física e Esporte (IEFE) da Ufal, a professora Marta, que já publicou dois livros, além de ter, ainda, 12 publicações em coletâneas, explica que para escrever os textos de suas obras levava em consideração três aspectos.



Professora aposentada Marta Moura relata seu processo para a escrita de seus livros. Foto: Karina Dantas/Ascom Adufal

“O primeiro se referia ao nosso compromisso acadêmico na transmissão do conhecimento adquirido para essa produção. O segundo era o contexto estrutural favorável para a construção desse material. E o terceiro era o aspecto motivacional que me levava a elaborar o meu livro”, relatou a docente.

Marta revela também que todas as suas produções, independente do assunto, tinham um objetivo em comum. “O intuito era sempre o mesmo, que esse processo ocorresse de maneira natural. O segredo é começar, ter disciplina, avaliar e concluir o texto”, compartilhou.

Depois do texto concluído pelo autor, o processo de produção de um livro passa para uma nova etapa: a de preparação da obra para publicação. Nessa fase, os textos são encaminhados para as editoras, onde são analisados, avaliados, revisados, passam por elaboração do projeto gráfico, são diagramados e encaminhados para impressão, este último item no caso de livros físicos.

É neste momento que entram órgãos como a Editora da Ufal (Edufal) que, há 30 anos, tem sido muito mais do que um meio para a publicação de obras de interesse acadêmico. Nesse período, a editora se consolidou como um órgão engajado socialmente, que vem desenvolvendo ações que estimulam a leitura e, principalmente, multiplicam o conhecimento.



Fachada da Editora da Ufal, localizada no Centro de Interesse Comunitário (CIC). Foto: Reprodução/Edufal

Fernanda Lins, coordenadora editorial da Edufal, contou que o processo para a publicação de um livro inicia a partir do formato de submissão do livro à editora, sendo eles: submissão por fluxo normal e submissão por edital.

“A gente orienta que os autores organizem o material segundo as normas e orientações que ficam no site da Edufal. Isso consiste em adequar a linguagem, fazer a correção de língua portuguesa e a normalização do texto segundo a ABNT. Então, o autor faz o cadastro no site da editora, submete seu material, e nós temos o prazo de até 120 dias para ter um resultado”, informou Lins sobre o funcionamento da submissão de obras no fluxo normal.



Fernanda Lins, coordenadora editorial da Edufal. Foto: Arquivo/Fernanda Lins

Na fase de análise, o parecer da editora pode ser favorável, quando o autor não precisa realizar nenhum ajuste no texto; desfavorável, quando a obra não foi aprovada para publicação; e favorável com recomendação, o que indica que o autor precisa realizar adequações na obra e retomar o material com 15 dias para uma nova avaliação da editora.

Quando a submissão de livros ocorre por meio de edital, Fernanda esclareceu que, se o texto da obra for aprovado, parte dos custos para a produção do livro são de responsabilidade da editora.

“Diferente da submissão por fluxo normal, em que o autor custeia as revisões e a impressão ou produção do e-book, quando o material é aprovado por edital, a gente faz todo o acompanhamento, do início ao fim, cuidamos de todas as etapas. Nós custeamos a impressão ou produção do e-book e o autor custeia apenas as revisões”, disse a coordenadora editorial da Edufal.

Atualmente, qualquer pessoa que tenha escrito um livro de natureza técnico-científica pode submeter sua obra à Edufal.

“A gente hoje não publica mais literatura e ficção, porque desde 2004 não foi mais considerado pelo Conselho Editorial um material técnico-científico. Mas, qualquer pessoa de Alagoas ou fora do estado que tenha uma obra com a natureza requerida pelo Conselho pode submeter para a editora”, informou Fernanda.

Além da Edufal, outro importante instrumento de fomento da literatura em Alagoas é a editora e gráfica Imprensa Graciliano Ramos (Companhia de Edição, Impressão e Publicação de Alagoas - Cepal).



Coordenadora editorial da Companhia de Edição, Impressão e Publicação de Alagoas (Cepal), Patrycia Monteiro. Foto: Arquivo/Patrycia Monteiro

A coordenadora editorial do órgão, Patrycia Monteiro, informa que, para chegar às prateleiras – físicas ou online – das livrarias, contrariando o entendimento mais comum, o ciclo de produção de um livro não acaba após a impressão da obra.

“Há uma etapa muito importante que, talvez, seja a mais desafiadora, que é o processo de comercialização e distribuição de livros. Hoje, dentro do mercado editorial, o maior desafio das editoras é vencer a barreira que a gente encontra para fazer com que o livro chegue nas mãos do leitor”, afirmou Monteiro.

Diante dessa realidade, a Imprensa Oficial tem defendido a criação de políticas públicas para o fomento e incentivo à leitura em Alagoas.

“Nós temos nos engajado em um movimento muito bacana, com articulação entre editoras e escritores, para emplacar uma lei de incentivo à literatura alagoana, mas, principalmente, nós temos esse grande objetivo que é de conquistar um maior número de eleitores no estado e fazer com que as pessoas desenvolvam o hábito de ler”, expôs Patrycia.

Para a coordenadora editorial da Imprensa Oficial, o hábito da leitura é uma atividade instrutiva, capaz de grande contribuição para o desenvolvimento intelectual e humano de qualquer pessoa.

**“A leitura é algo que precisa ser incentivada, porque ela é primordial, principalmente para o avanço econômico, político e educacional no Brasil”, afirmou Monteiro.**

Como os maiores órgãos de incentivo à leitura em Alagoas, as editoras, Edufal e Imprensa Oficial, têm um histórico sólido de parcerias. Neste ano, inclusive, estarão juntas, novamente, para mais um projeto. Dessa vez, envolvendo a 10ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas.

Durante o maior evento cultural e literário do estado, as editoras, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal) irão lançar duas coleções de livros. Nesta parceria, o projeto gráfico, revisão técnica e apresentação pertencem a Imprensa Oficial, enquanto a Edufal se comprometeu com a impressão de exemplares.

Os livros fazem parte da Coleção Raízes das Alagoas e Coleção Legado. O objetivo da Edufal e da Imprensa Graciliano Ramos com o projeto é ajudar a preservar e promover o resgate das histórias de vida de diversas personalidades alagoanas que deram grande contribuição para a política, a economia, a ciência e a cultura brasileira.

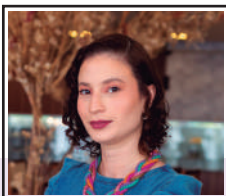


Acabamento de livros sendo realizado na gráfica da Imprensa Oficial Graciliano Ramos. Foto: Ascom/Imprensa Oficial

## ARTIGOS

**A importância de ler mulheres**

Mariana Andrade



Servidora da Universidade Federal de Alagoas, graduada em Direito pela mesma Universidade. Mestranda em Sociologia pela Universidade do Minho (Portugal), pesquisa sobre feminismo, divisão sexual do trabalho e feminização da pobreza.

Quais livros estão na sua lista nessa Bienal? Dessa lista, quantos livros foram escritos por mulheres? Quantos títulos produzidos por mulheres não-brancas? Suscito essas reflexões para pensarmos juntos e juntas a importância de prestigiar uma literatura que, infelizmente, ainda é vista como nicho temático. O que se entende ainda hoje por literatura universal é aquela literatura escrita por homens, em geral brancos e de classe social abastada – quer dizer, de universal não tem nada, não acham?

A verdade é que muitos são os livros que falam sobre mulheres, poucos são os escritos por nós mesmas. Por muito tempo, tudo o que tínhamos a ler sobre qualquer aspecto da vida das mulheres partia da perspectiva de homens. Ou seja, as mulheres existiam apenas como mero objeto de observação e suposição masculina na literatura. Mas não se enganem, apesar das proibições, repressões e sujeições; apesar do silenciamento, do apagamento histórico, as mulheres resistiram e escreveram. E seguimos resistindo e escrevendo, desobedientes e insubmissas.

Cem anos atrás, Virginia Woolf expôs brilhantemente, em “Um teto todo seu”, a realidade experimentada pelas escritoras e os obstáculos à criação e ao ofício da escrita. É preciso tempo e espaço para escrever, é preciso não sofrer interrupções, é preciso ter poucos problemas a resolver e ter um certo nível de independência financeira para sustentar esse cenário. E digo mais: é preciso não estar em constante estado de alerta, insegura e temendo pela sua integridade física e pela própria vida. Na sociedade patriarcal, machista e misógina na qual vivemos, quanto esforço e sacrifício é exigido de uma mulher para conseguir exercer a atividade de escritora, publicar, ter sua obra conhecida e reconhecida, e ainda conseguir gerar renda com o seu trabalho.

Por isso, a partir do momento em que mulheres passam a escrever suas próprias histórias e publicá-las, temos uma revolução. Ao imprimir no papel e espalhar pelo mundo as suas próprias percepções e cosmovisão, as mulheres tornam-se sujeitos de sua história. Não mais são criaturas, mas sim criadoras. Escolher, ativa e conscientemente, ler mulheres é romper o legado milenar de silenciamento, é se permitir conhecer novas narrativas, novos contextos e pontos de vista e expandir o nosso repertório literário. Explorar a literatura escrita por mulheres e apoiar as autoras femininas em seu processo de criação e divulgação é ser parte e testemunha de uma onda de transformação. É também transformar-se.

**Povos indígenas de Alagoas: defender a terra, defender a vida**Flávio Augusto de Aguiar Moraes  
José Ivamilson S. Barbalho

Flávio Moraes (da esquerda) é professor do curso de História da Ufal e Doutor em Arqueologia. José Ivamilson Barbalho (da direita) é docente do Campus Sertão-Ufal e Doutor em Educação. Ambos integram o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI-Sertão).

Os povos ancestrais, que no Brasil chamamos de indígenas, têm nos alertado: “Somos a morte e a esperança dos ecossistemas; somos a luz e as sombras das futuras gerações. A grande percepção será quando descobriremos que vivemos numa mesma comunidade de destino; e que o ciclo de tensões antinômicas é radicalmente contra a compreensão da verdadeira condição humana”. Somente haverá esperança para nosso país se recuperarmos a dimensão de defesa da vida que os povos indígenas abraçam.

“Terra é vida!” Esse grito heroico de muitas comunidades, em grande medida, a sociedade nacional ainda não conseguiu entender com a profundidade necessária. No Nordeste, Alagoas não é diferente. Entre os indígenas, a defesa do lar comum, o cuidado e a proteção com a Mãe/Terra precisa se transformar no mais importante código de ética nacional.

O Campus do Sertão da UFAL, acolhendo essa perspectiva indígena, sente-se comprometido com a dimensão da benevolência e do cuidado terrenal. Coloca-se contra projetos que vão na lógica do extermínio dos povos originários, das minorias étnicas, da anulação de suas conquistas, como o da tese jurídica do Marco Temporal advogada no Congresso Nacional, em que segmentos conservadores e antidemocráticos da sociedade defendem que somente teria direito de reivindicar uma área indígena aquele povo originário que estivesse ocupando a terra no momento da promulgação da Constituição Federal de 1988.

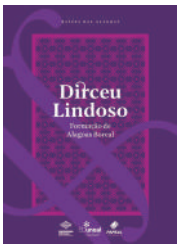
Faz-se necessário, portanto, a unidade de interesses democráticos entre as instituições, para que a luta e o destino dos povos indígenas seja a de esperança, harmonia, felicidade e paz, assegurando eficazmente seus direitos conquistados. Enquanto isso não acontecer, vamos presenciando no país cenas de violência, assassinatos de lideranças, invasão de terras, destruição florestal e um limitadíssimo comprometimento profissional dos órgãos de controle – dentre aqueles que devem promover a proteção dos interesses desses povos. Por isso, nesse momento, os povos indígenas têm sido atacados por grupos contrários a consecução de seus direitos; denúncias constantes são apresentadas a sociedade em geral se cobrando providências.

A UFAL, Campus do Sertão, que abriga em seu entorno seis comunidades indígenas, coloca-se ao lado dessas comunidades na condição de parceira dos anseios e lutas cotidianas, com a certeza de que um outro amanhã será possível, na medida que o Estado Nacional possa garantir de fato os direitos fundamentais de todos os povos indígenas do Brasil.

# Dicas de leitura



**Douglas Apratto Tenório. A TRAGÉDIA DO POPULISMO: O impeachment de Muniz Falcão.** (Edufal). A obra oferece ao leitor a possibilidade de conhecer alguns homens que fizeram a história do estado de Alagoas.



**Dirceu Lindoso. FORMAÇÃO DE ALAGOAS BOREAL.** (Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2019). Formação de Alagoas Boreal é um estudo etnográfico que relembra as origens do litoral Norte do estado.



**Zezito de Araújo. QUILOMBO DOS PALMARES: Negociações e Conflitos.** (Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2022). A obra leva os leitores a conhecer a história do Quilombo dos Palmares com novas narrativas, sendo os quilombolas os personagens de sua própria história.



**Debora de Souza Santos et al. TRABALHO, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO EM SAÚDE: tecendo redes.** (Edufal). A obra aborda a rede de trabalho, de pesquisa, de articulações para o fazer e o pensar comprometidos com o SUS e com a formação de profissionais de saúde.



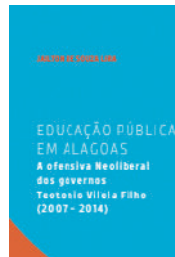
**Airton de Souza Melo. OPERÁRIOS TÊXTEIS EM ALAGOAS: Organização sindical, repressão e vida na fábrica (1951-1964).** (Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018). A obra faz parte de uma coleção lançada pela Fapeal e Imprensa Oficial Graciliano Ramos, transformando dissertações de mestrado e teses de doutorado em livros.



**Elias Fragoso, Abel Galindo et al. RASGANDO A CORTINA DE SILÊNCIOS: O lado B da exploração do sal-gema de Maceió.** (Editora Instituto Alagoas, 2022). Os autores apresentam um apelo ao debate racional do tema e trazem soluções inéditas e inovadoras para a questão.



**Cícero Pérciles. FORMAÇÃO HISTÓRICA DE ALAGOAS.** (Edufal, 2019) Esta obra, em sua sexta edição, apresenta uma introdução à história de Alagoas, desde sua formação territorial até a formação econômica.



**Jailton de Souza Lira. EDUCAÇÃO PÚBLICA EM ALAGOAS: a ofensiva neoliberal dos governos Teotônio Vilela Filho (2007-2014).** (Edufal) O autor constata as consequências negativas da forma neoliberal de fazer política, que submeteram o campo educacional à lógica do mercado.



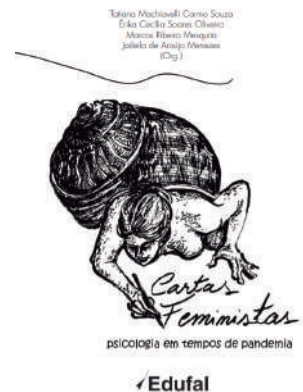
**Amanda Prado. PEDRA PERDENDO SEIVA.** (Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018). Pedra e Seiva compõem o semicírculo temático desta obra poética em que as palavras ganham novas semânticas a cada poema.



**Elaine Pimentel. MULHERES, FEMINISMOS E INTERSECCIONALIDADE NAS CIÊNCIAS CRIMINAIS: escritos em homenagem a Sueli Carneiro.** (Edufal, 2023). O livro reúne textos do III Encontro Nacional de Mulheres nas Ciências Criminais, realizado em Maceió (AL) em 2019, que teve como tema "Feminismos e interseccionalidade" e homenageou a filósofa negra Sueli Carneiro.



**Fábio Lins. NISE DA SILVEIRA E A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA.** (Editora Fórum, 2023). A partir de uma mirada transdisciplinar e dos exemplos de Nise da Silveira, o autor propõe reflexões sobre questões vitais para a gestão pública.



**Tatiana Machiavelli Carmo Souza et al. CARTAS FEMINISTAS: Psicologia em tempos de pandemia.** (Edufal, 2023). As cartas mencionadas foram construídas em meio à pandemia de Covid-19 e procuram retratar os esforços que brasileiras/es/os tiveram que fazer nesse período.

## Boa leitura!

# VALE A PENA CONFERIR!

## Um tabuleiro inteiro de possibilidades na Bienal

Que a programação da 10ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas é extensa e diversa, todo mundo sabe! Mas para facilitar a escolha de quem vai passar pelo evento entre os dias 11 e 20 de agosto, a Adufal fez uma curadoria da programação da Bienal e você confere as sugestões logo abaixo.

### SALA JATIÚCA

14h às 17h | Palestra: Estudar para aprender e viver para transformar, com Geraldo Campetti Sobrinho

### SALA SIRIGUELA

10h15 às 12h15 | Mesa: A Educação Inclusiva em Alagoas: pesquisas e perspectivas | Coord.: Maria Dolores Fortes Alves

19h às 21h | Mesa: Nise da Silveira e a Administração Pública, com Fábio Lins, seguida de lançamento de livro

### SALA MANGABA

10h15 às 13h15 | Mesa: Mulheres jornalistas e violências: gênero, raça e classe, com Carla Serqueira, Júlia Trindade e Lídia Ramires

### SALA PONTA VERDE

19h às 21h | Palestra: Eu não consigo ler um livro, com Rafael Saraiva Nunes, seguida de lançamento de livro

**SÁBADO  
(12/08)**

**DOMINGO  
(13/08)**

**SEGUNDA  
(14/08)**

**TERÇA  
(15/08)**

**ABERTURA DA  
BIENAL  
11/08**

### SALA PONTA VERDE

13h às 15h | Mesa: História de Alagoas escrita por mãos negras, com Danilo Marques, Marli de Araújo e Denivan Costa, seguida de lançamento de livro. Moderação: Pedro Vinícius Lima

19h às 21h30 | Mesa: Mulheres na Segurança Pública de Alagoas, seguida de lançamento de livro | Coord.: Elaine Pimentel

### SALA PAJUÇARA

18h às 21h | Mesa: Tecnologias digitais e práticas pedagógicas em Educação Superior, com Aline Viana, Adilson Peixoto, Cícero Gomes, Maria Luísa Martins Assis e Rutyelle Nolasco, seguida de lançamento de livro. Moderação: Esmeralda Moura e Santana

### SALA PONTA VERDE

19h às 21h30 | Mesa: Casos de sucesso, seguida de lançamento de livro | Coord.: Elaine Pimentel



# 10º BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE ALAGOAS 2023

## SALA SIRIGUELA

16h30 às 18h30 | Projeto Livros que libertam: a educação transformadora dentro do sistema prisional alagoano

## AUDITÓRIO A

19h às 21h | Palestra: O papel da branquitude no racismo brasileiro, com Lília Schwarcz  
Mediador: Gian Carlo de Melo Silva

## TEATRO GUSTAVO LEITE

16h às 18h | Mesa: Povos indígenas: direitos, território e vida, com Grupo Oeste Alagoano, Edvaldo Nascimento, Ivamilson Barbalho, Cícero Albuquerque, Elisa Pankararu e Iran Xukuru do Ororubá | Coord.: Amaro Hélio Leite da Silva

## SALA JATIÚCA

20h às 22h | Mesa: [Re]Existências LGBTQIA+ e feminismo no Brasil, com Kléber Simões, Michelle Reis e Thamyres Jully Ana. Seguida de lançamento de livro. Moderação: Elias Veras

## AUDITÓRIO A

14h às 15h | Coro Universitário do Sertão, regido pelo maestro Marcel Garrido

## SALA PAJUÇARA

17h às 19h | Mostra de Cinema da Parte Alta, seguida de debate crítico, com Cineclube Cinema da Parte Alta

**QUARTA  
(16/08)**

**QUINTA  
(16/08)**

**SEXTA  
(17/08)**

**SÁBADO  
(18/08)**

**DOMINGO  
(19/08)**

## SALA SIRIGUELA

19h às 21h | Roda de conversa: Literatura e transfeminismo, com Ísis Florescer e Cauê Assis

## SALA IPIOCA

19h às 21h | Mesa: Ciência, tecnologia e inovação: a importância da representatividade feminina. Moderadores: Ester de Lima P. Andrade e Raquel da Silva Cabral

## SALA PITANGA

14h às 18h | Oficina: Imersão Tecnológica para Mulheres (ITM). Facilitadores/as: Membros do Projeto Katie

## SALA IPIOCA

19h às 21h | Lançamento do livro de receitas Wa Jeun: sabores ancestrais afro-indígenas, de Mãe Neide  
Seguido de apresentação musical com Naná Martins.  
Coordenação: Imprensa Oficial Graciliano Ramos

# Instrumento de luta: entidades sindicais têm papel fundamental na defesa da educação

Carga horária excessiva, sem férias, atraso no salário, falta de reajuste e assédio. Esses são só alguns exemplos de condições inaceitáveis que um trabalhador ou trabalhadora pode ser submetido e encontrar dificuldade em enfrentar sozinho/a. Mas com a união coletiva, o enfrentamento desses problemas ganha mais força. Esse é um dos principais motivos pelo qual os sindicatos existem: dar voz às lutas dos/as trabalhadores/as que são explorados/as pelo capital.

Um sindicato é um tipo de associação permanente de um grupo de trabalhadores - sejam eles urbanos, industriais, rurais, de serviços ou outras áreas - que se unem para constatar e resolver problemas ou necessidades em comum, como melhorias salariais, melhores condições de trabalho, benefícios, entre outros propósitos.

Neste sentido, as entidades sindicais possuem a função histórica de impedir ou minimizar os danos causados pelos patrões, sejam eles empresários ou grandes corporações, além de conscientizar e unificar a categoria que está representando, em prol dos objetivos em comum.

## Movimento sindical e a defesa da educação

Ao longo dos anos, os sindicatos da área da educação têm sido protagonistas em manifestações e lutas em defesa dos direitos dos profissionais e da qualidade do ensino público. Mobilizações históricas, como greves e protestos, têm sido realizadas para reivindicar melhorias nas condições de trabalho, valorização salarial, investimentos adequados em infraestrutura escolar e políticas educacionais que atendam às necessidades da comunidade escolar.

No ambiente da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), por exemplo, a Associação dos Docentes da Ufal (Adufal) e o Sindicato dos Trabalhadores da Ufal (Sintufal) têm demonstrado uma atuação forte e combativa, participando de mobilizações nacionais recentes, como a luta pelo reajuste salarial dos servidores públicos federais e contra os cortes na educação e ciência.

Além das questões trabalhistas, as entidades sindicais dessa área também têm se engajado em debates pedagógicos e didáticos que visam contribuir para a construção de um ambiente educacional mais seguro, inclusivo e eficiente. Temas como direitos das mulheres, direitos humanos, inclusão racial, defesa do meio ambiente, vacinação, saúde, erradicação da pobreza e da fome, são alguns exemplos de pautas constantes da agenda sindical, mostrando que o sindicalismo no Brasil não se limita apenas ao âmbito trabalhista.

Para o presidente da Adufal, professor Jailton Lira, os sindi-

catos também possuem a função de conscientizar as respectivas categorias que representam sobre a importância de participar das reivindicações de lutas clássicas.

“O sindicato acaba tendo o papel de conscientização justamente por que nós temos a necessidade de ter uma categoria que se organize e busque pautas comuns. Por meio de sua mobilização e representatividade, as entidades e centrais sindicais desempenham um papel fundamental na defesa de uma educação pública de qualidade, valorizando os profissionais da área e lutando por melhores condições de trabalho, o que contribui diretamente para o desenvolvimento social e econômico do país.



Presidente da Adufal, Jailton Lira. Foto: Karina Dantas/Ascom Adufal

## História do sindicalismo no Brasil

O movimento sindical no Brasil teve seus primeiros registros no final do século XIX, quando surgiram as primeiras associações de trabalhadores. No entanto, foi a partir da década de 1930, com a consolidação do Estado brasileiro e a criação de leis trabalhistas, que os sindicatos começaram a se organizar de forma mais expressiva.

Um marco importante na história do sindicalismo brasileiro foi a criação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) em 1943. Essa legislação estabeleceu direitos trabalhistas básicos, como a jornada de trabalho, o salário mínimo, o descanso semanal remunerado e a regulamentação das relações entre patrões e empregados.

Durante os anos de ditadura militar, entre 1964 e 1985, os sindicatos enfrentaram grandes desafios e restrições. Ainda assim, foram protagonistas em momentos de resistência, como a históri-

ca greve dos metalúrgicos do ABC paulista em 1978, liderada por Luiz Inácio Lula da Silva, que teve um papel crucial na formação do movimento dos trabalhadores e na luta pela redemocratização do país.

Com a redemocratização, os sindicatos ganharam mais espaço e liberdade para atuação. A Constituição Federal de 1988 trouxe avanços significativos, garantindo a liberdade sindical e o direito à negociação coletiva, além de reconhecer a importância dos sindicatos na defesa dos direitos trabalhistas.



Trabalhadores marcham no Rio de Janeiro, com faixas pró-Estado Novo, de Getúlio Vargas, no início dos anos 1940. Foto: Acervo Arquivo Nacional

Apesar dos desafios enfrentados, como as mudanças no mercado de trabalho e os retrocessos nas leis trabalhistas ocorridos nos últimos anos, o sindicalismo brasileiro continua a se reinventar e a buscar soluções para os problemas enfrentados pela classe trabalhadora.

## Lutas e conquistas históricas



População de Brasília durante as manifestações das Diretas Já, em 1984. Foto: Arquivo Agência Brasil

Desde os primórdios do movimento sindical no país até os dias atuais, os sindicatos têm sido protagonistas na busca pela valorização dos/as trabalhadores/as e até na defesa de direitos fundamentais para os cidadãos.

Um marco importante nessa trajetória foi a aprovação da Constituição Federal de 1988. Durante o processo de elaboração

e aprovação da Constituição, os sindicatos e movimentos sociais desempenharam um papel determinante de pressão e acompanhamento da matéria.

“Nesse momento, entre 1986 e 1988, em que estavam discutindo a elaboração e aprovação da Constituição Federal, as Universidades e os sindicatos nacionais de educação básica tiveram papel determinante na história. Os sindicatos e movimentos sociais fizeram uma série de caravanas de ida a Brasília e passaram meses acampados, não só no Congresso Nacional para acompanhar as votações, mas acompanhando também as audiências públicas, que foram inúmeras”, conta o presidente da Adufal, Jailton Lira, que é licenciado em História e Pedagogia, e doutor em Educação.

Uma outra conquista histórica que teve atuação dos sindicatos e movimentos sociais foi a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996. A legislação trouxe avanços significativos para a educação pública ao estabelecer diretrizes para a organização do sistema educacional do país, valorizando os princípios de igualdade de condições de acesso e permanência na escola, liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura.

Em um contexto mais recente, os sindicatos da área da educação também se mobilizaram contra os cortes no orçamento da educação pública ocorridos entre 2021 e 2022. Ato público foram realizados em todo o país, reforçando a importância de investimentos adequados na educação e denunciando os impactos negativos desses cortes na qualidade do ensino, fazendo com que o governo à época voltasse atrás de inúmeras decisões de corte nas áreas de ciência e pesquisa, por exemplo.

Por meio de mobilizações, negociações e debates, os sindicatos têm contribuído para a construção de uma educação de qualidade e para a valorização dos trabalhadores e trabalhadoras do país.

“Hoje, encontrar estratégias capazes de mobilizar uma categoria tem sido um dos embates promovidos pelos sindicatos. Desde 2019 até o fim de 2022, os sindicatos no Brasil sofreram



Ato público realizado em Maceió no 1º de maio de 2022, com servidores reivindicando reajuste salarial. Foto: Karina Dantas/Ascom Adufal

inúmeras investidas por parte do governo neofacistas e enfrentaram diversas barreiras que buscavam o enfraquecimento das entidades sindicais. Agora, com a posse de um governo alinhado com as causas populares, os sindicatos começam a recuperar sua total capacidade de luta em busca de dias melhores para seus re-



Manifestação em outubro de 2022 contra os cortes na educação e ciência feitos pelo Governo Bolsonaro. Foto: Karina Dantas/Ascom Adufal

presentados”, diz o coordenador-geral do Sintufal, Ricardo Moresi.

Em outubro de 2022, estudantes, professores e a população em geral protestaram contra os constantes cortes no orçamento das universidades e institutos federais durante o governo Bolsonaro. A pressão popular foi fundamental para o governo voltar atrás e anunciar o desbloqueio de recursos do Ministério da Educação (MEC). Somente a Ufal, teria a restrição de R\$ 4,8 milhões no orçamento, caso fosse efetuado.

Em Maceió, a atuação das entidades sindicais da educação, como Adufal, Sintufal, Diretório Central dos Estudantes da Ufal (DCE - Quilombo dos Palmares), Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Alagoas (Sinteat) e Sindicato dos Servidores Públicos Federais da Educação Básica e Profissional no Estado de Alagoas (Sintiefal) foi de extrema importância para reivindicar mais investimentos na educação e ciência.

## Expectativas para o futuro

Diante dos desafios impostos com a atual conjuntura política no Brasil, o sindicalismo possui a missão de permanecer vigilante no que diz respeito aos direitos dos trabalhadores. Com a crescente conscientização e mobilização da classe trabalhadora, questões como a reforma trabalhista e a terceirização precarizada se tornam pautas políticas de extrema relevância.

Desta forma, os sindicatos devem ampliar sua representatividade e fortalecer as lutas por salários dignos, redução da jornada de trabalho, garantia de benefícios sociais e segurança no emprego, além de defender os direitos dos trabalhadores em meio às transformações tecnológicas.

As expectativas para o futuro no sindicalismo incluem também desafiar e propor políticas que garantam a empregabilidade em um mundo cada vez mais digitalizado, assegurando que nenhum trabalhador seja deixado para trás nesse processo de transição.

## CONHEÇA AS ENTIDADES REPRESENTATIVAS DA UFAL

### ADUFAL

A Associação dos Docentes da Universidade Federal de Alagoas (Adufal) foi fundada em novembro de 1979 a partir da reflexão crítica da conjuntura adversa pela qual passava a sociedade brasileira, na vivência de uma ditadura, chegando ao consenso da grande necessidade de organização sindical da categoria docente.

Com mais de quatro décadas de atuação e tendo participado de mais de 20 Greves Nacionais, deliberadas no conjunto da base da categoria, a entidade tem reforçado seu compromisso ético e político na defesa da Universidade como uma instituição pública, gratuita e de qualidade, em defesa da dignidade salarial e a melhoria das condições do trabalho dos/as professores/as.

### SINTUFAL

O Sindicato dos/s Trabalhadores/s da Universidade Federal de Alagoas (Sintufal) foi criado em 1972, a princípio com a nomenclatura de Associação dos Servidores da Ufal (ASSUFAL), sendo a primeira forma de organização dos trabalhadores da Ufal. Posteriormente, em 1995, o nome foi alterado para Sintufal, durante o do II Congresso do Sindicato.

A entidade surgiu com a necessidade de unificar a classe trabalhadora da Ufal e de construir uma representação jurídica forte, que tivesse também caráter político, de modo a garantir a luta sindical pelo direito à greve, aos salários dignos, entre outros direitos fundamentais dos/as trabalhadores/as em geral.

### DCE

O Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Ufal foi criado em 1962, apenas um ano depois da fundação da Universidade. Nesse período, os/as alunos/as que já se organizavam na União Estadual dos Estudantes de Alagoas (UEEA) e nos seus Centros e Diretórios Acadêmicos, passaram a construir também nesta entidade estudantil representativa.

A história do DCE/Ufal é marcada por grande resistência, principalmente considerando que o Diretório nasceu um pouco antes do golpe civil-militar, que instaurou a ditadura no Brasil, e foi um importante instrumento de luta e defesa da educação e da democracia brasileira.

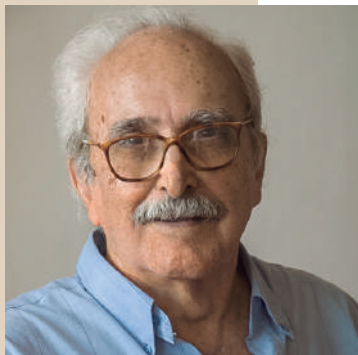
## H O M E N A G E M

# Três intelectuais da literatura alagoana

Na 10ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, as editoras públicas – Edufal, da Universidade Federal de Alagoas, EdUneal, da Universidade Estadual, e Cepal, da Imprensa Oficial do Estado, irão lançar livros de três autores de referência no Estado: Dirceu Lindoso, Luiz Sávio de Almeida e Élcio Verçosa. A iniciativa é uma forma especial de homenagear os três intelectuais pela importante contribuição de suas obras para reflexão da sociedade alagoana.

Aqui, a Adufal apresenta um pouco sobre a vida, importância e história de cada um deles. Confira abaixo.

## DIRCEU LINDOSO



★ 31 de julho de 1932  
† 15 de outubro de 2019

Foi um sociólogo e historiador, nascido em Maragogi, reconhecido pela densidade de sua obra literária, histórica e antropológica, acumulada nos seus mais de 10 livros, além de dezenas de artigos, documentos e ensaios. Seus escritos se direcionam a preocupações com a formação de Alagoas. Dirceu Lindoso era, também, poeta e romancista, premiado pela Academia Brasileira de Letras pelo seu livro “Póvoa Mundo”, um romance ambientado no litoral norte alagoano. Ele foi um dos mais importantes e fecundos intelectuais alagoanos. A maioria de suas obras são fonte de inspiração para autores/as, professores/as e pesquisadores/as alagoanos. Os prêmios e as comendas que recebeu resultam de seu talento literário, valor acadêmico, percurso intelectual e compromisso político, com destaque para o título de Doutor Honoris Causa, atribuído pela Universidade Federal de Alagoas.

Dirceu Lindoso foi preso, em 1964, por suas atividades políticas, e depois migrou para o Rio de Janeiro onde, durante várias décadas, produziu obras que, editadas e reeditadas, construíram sua imagem de intelectual progressista, homem das palavras, estudioso dos assuntos do povo e educador de várias gerações.

No conjunto de suas publicações, destacam-se o clássico “Utopia Armada: rebelião armada de pobres nas matas do Tombo Real”, “Formação de Alagoas Boreal”, “Interpretação da província” e “O grande Sertão: os currais de boi e os índios do corso”. Todos esses estudos ultrapassam os muros da produção acadêmica e lançam luzes sobre a formação alagoana, pensando a sociedade a partir das histórias dos oprimidos, num horizonte de transformação social.



## LUIZ SÁVIO DE ALMEIDA

★ 31 de março de 1942  
† 10 de fevereiro de 2023

Nascido em Maceió, Sávio marcou sua passagem pela Ufal como professor, mestre de várias gerações de historiadores/as e sociólogos/as. Autor de livros sobre vários temas dedicados ao estudo histórico e cultural das comunidades negras e indígenas do Nordeste foi, também, um estudioso das relações sociopolíticas regionais, do movimento operário, das lutas camponesas e da formação histórica alagoana. Na sua extensa carreira acadêmica, organizou cursos, expedições, escreveu peças de teatro, atuou no jornalismo e influenciou gerações de estudiosos das mais diferentes áreas.

Como professor emérito da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), demonstrava uma grande capacidade para reunir em torno de si jovens pesquisadores de diferentes áreas. Foi um dos pioneiros na criação da pós-graduação em Ciências Sociais da Ufal, e depois de aposentado, dedicou-se à especialização em História de Alagoas no Instituto Federal de Alagoas (Ifal), contribuindo desta maneira para a formação e a contemporaneidade das instituições educacionais no Estado.

Além de historiador, escreveu vários estudos de etnologia, em que tratava dos povos indígenas e africanos, e de sociologia, voltando-se aos movimentos operários em Alagoas. Publicou, pela Cepal, “Notas sobre poder, operários e comunistas em Alagoas”; pela EdUneal lançou a segunda edição de um clássico da historiografia regional: “Memorial biográfico de Vicente de Paula, o capitão de todas as matas: guerrilha e sociedade alternativa na mata alagoana”; pela Edufal, publicou a maioria de seus trabalhos mais conhecidos: “Alagoas nos tempos do cólera”, “História escrita no chão” e “Crônicas alagoanas: lembranças das Matas e Agrestados das Alagoas”.

## H O M E N A G E M

**ÉLCIO  
VERÇOSA**

★ 14 de outubro de 1944  
† 11 de maio de 2018



Nascido em Porto Calvo, o professor Élcio Verçosa foi pesquisador, pensador e militante da educação e da cultura em Alagoas, um elaborador reconhecido na área da educação. Na sua trajetória docente, aprofundou o conhecimento da relação entre educação e os históricos problemas sociais e econômicos, sendo orientador de gerações de pesquisadores/as e responsável pela formação de inúmeros professores e professoras.

Reconhecido pela sua atuação acadêmica, foi um militante que sempre esteve na linha de frente na luta pela democracia durante a ditadura e pela conquista de uma educação pública e de qualidade em Alagoas, especialmente, enquanto dirigia o Conselho Estadual de Educação. No movimento sindical, Élcio conduziu as lutas do Sindicato dos Trabalhadores na Educação (Sinteal), e foi presidente da Associação de Docentes da Ufal (Adufal). No final da década de 1980, liderou o movimento, junto com outros companheiros docentes, para a criação do Centro de Educação, que se tornou referência na Ufal e no Estado de Alagoas na formação de centenas de educadores/as e pedagogos/as com uma visão humanista e social da educação.

Ele foi autor de vários livros que se tornaram clássicos, como “História do ensino superior em Alagoas: verso e reverso”, “Caminhos da educação em Alagoas: da Colônia aos dias atuais”, “A Propósito dos textos didáticos na prática escolar” e “Cultura e educação em Alagoas: história, histórias”. Pelo conjunto de sua obra, foi agraciado com o título de “Professor Emérito” da Universidade Federal de Alagoas. Como pesquisador destacado, contribuiu para a reflexão dos rumos educacionais do Estado, colaborando na construção de um modelo interpretativo sobre as raízes estruturais das deficiências do ensino e dos desafios que precisam ser superados para o alcance de uma educação de qualidade.

Na 10ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, a Edufal lança a 7ª edição do livro “Cultura e educação em Alagoas: história, histórias”, do professor Élcio Verçosa; a Cepal publica uma nova edição de “Formação de Alagoas Boreal” de Dirceu Lindoso; e a EdUneal homenageia Luiz Sávio com uma de suas últimas obras: “Os Manuscritos do Oco do Mundo”.

# Di reto ria

Jailton de Souza Lira  
Presidente

Sandra Lúcia dos Santos Lira  
Vice-presidente

Irailde Correia de Souza Oliveira  
Secretária-geral

Esmeralda Moura  
Primeira-secretária

Rosângela Sampaio Reis  
Tesoureira

Tânia Maria Voronkoff Carnaúba  
Vice-tesoureira

Ricardo Coelho de Barros  
Diretoria de Política Sindical (TITULAR)

Ailton Silva Galvão  
Diretoria de Política Sindical (SUPLENTE)

Terezinha Rocha Ataíde  
Diretoria de Política Educacional e Científica (TITULAR)

Jenner Baretto Bastos Filho  
Diretoria de Política Educacional e Científica (SUPLENTE)

Altair Marques da Silva  
Diretoria de Política Cultural (TITULAR)

Marta de Moura Costa  
Diretoria de Política Cultural (SUPLENTE)

Carlos Eduardo Muller  
Diretoria de Divulgação e Imprensa (TITULAR)

Francisco Pereira de Souza  
Diretoria de Divulgação e Imprensa (SUPLENTE)

# Expe diente

Jornalista responsável: **Karina Dantas** - MTE/AL1944

Diagramação: **Aleck Lima** ABDG 2476

Estagiária de jornalismo: **Vanessa Ataíde**

**Associação dos Docentes da Universidade Federal de Alagoas - Adufal**

**R. Dr. José de Albuquerque Porciúncula, 121 Farol. Maceió/AL. CEP: 57051-**

**345 - CNPJ: 12.499.018/0001-69**

**(82) 3241-1880 / (82) 9.9992-6899**

**Impressão: Grafmarques**

**Tiragem: 5.000 exemplares**

**Site: [www.adufal.org.br](http://www.adufal.org.br)**

**Facebook: [@adufal.secaosindical](https://www.facebook.com/adufal.secaosindical)**

**Instagram: [@adufal\\_oficial](https://www.instagram.com/adufal_oficial)**

**Twitter: [@adufal](https://twitter.com/adufal)**

Ato público em defesa da educação e da democracia realizado em 18 de outubro de 2022, em Maceió (AL).

Foto: Karina Dantas/Ascom Adufal



**EM DEFESA**  
**UNIVERSIDADE PÚBLICA!**  
**CONTRA OS CORTES NA EDUCAÇÃO!**

ALUNO NA RUA

DESCULPE O TRANSTORNO!  
ESTAMOS PROTESTANDO O PAÍS #100%

SE DE TANTO DOPAR EM EDUCAÇÃO SUPERIOR 29% 14%

13  
BX.AN4  
JOGOS INTERNOS